

# **A ARTE DE CURAR**

## Do Catálogo da EDITORIAL AO

---

**A Arte de Recomeçar** – *Os seis dias da criação e o início do discernimento*

Fabio Rosini

**Carta a Filémon** – *Reflexões sobre a liberdade cristã*

Adrien Candiard

**A Vida e os Dias** – *Sobre a velhice*

Enzo Bianchi

**Dom e Perdão** – *Por uma ética da compaixão*

Enzo Bianchi

**Prolongamento** – *Atravessar as últimas fases do cancro e apontamentos de percurso*

Michael Paul Gallagher, sj

**Deus de Surpresas** (2.<sup>a</sup> edição)

Gerard W. Hughes

*Fabio Rosini*

## **A ARTE DE CURAR**

*A hemorroíssa  
e a senda da vida saudável*

*Prefácio de  
Andrea Monda*



EDITORIAL A.O.

**Título original**

*L'Arte di Guarire*

© Edizioni San Paolo, s.r.l. | Cinisello Balsamo (Milano)

ISBN 978-88-922-2081-2

**Tradução**

Maria do Rosário de Castro Pernas

**Capa**

Ink Graphics Communication, Milano

**Adaptação da capa para a edição portuguesa**

Romão Figueiredo

**Paginação**

Editorial AO

**Impressão e Acabamentos**

Publito, Estúdio de Artes Gráficas

**Depósito Legal**

510916/23

**ISBN**

978-972-39-0953-1

Fevereiro de 2023

*Com todas as licenças necessárias*

©

**SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

[www.livraria.apostoladodaoracao.pt](http://www.livraria.apostoladodaoracao.pt) | [livros@snao.pt](mailto:livros@snao.pt)

[www.redemundialdeoracaodopapa.pt](http://www.redemundialdeoracaodopapa.pt)

## PREFÁCIO

Fui imprudente quando aceitei o convite do padre Fabio Rosini para escrever o prefácio do livro que o leitor tem em mãos. Porque há livros que correspondem àquilo que dizia Walt Whitman em relação à sua obra-prima, *Foglie d'erba* (vale a pena citar todo o excerto): «*Amigo, isto não é um livro / Quem nisto toca, toca num homem / (Porventura é noite? Estamos juntos só nós dois?) / Sou eu que tu seguras e que te segura a ti / a morte faz-me ressuscitar*». Quem toca neste livro toca no padre Fabio. Tocar é o verbo certo, porque este livro, entre outras coisas, é um livro sobre aquele que talvez seja o mais religioso de todos os sentidos, ainda mais do que o ouvido: o tato, precisamente. Lendo estas páginas, entra-se em contacto directo, quase físico, com o autor. É o autor que espreita por entre as páginas deste livro, qual tigre que prepara o salto para nos abocanhar. Tu seguras o livro na mão e ele segura-te a ti, abocanha-te e já não te larga até à última página, criando – sobretudo na primeira parte, que diz respeito ao «diagnóstico» – as condições necessárias para um duro combate corpo a corpo com o leitor. Com efeito, trata-se (também) de um livro-confissão em que o padre Fabio se

põe a nu e, ao fazê-lo, também o coração do leitor é posto a descoberto.

Daí a minha imprudência ao aceitar a proposta de escrever o prefácio: a leitura não foi tranquila nem tranquilizante; pelo contrário, eu não via a hora de acabar de ler as páginas sobre o «diagnóstico» que começa com a sábia e inquietante afirmação de Isaac de Nínive: «A maior parte dos homens que estão doentes declaram-se sãos». A verdade é que a viagem, inclusive a descida, aos próprios «infernos», que o autor realiza acaba, inevitavelmente, por envolver o leitor, que dá consigo também envolvido no seu próprio «diagnóstico». Trata-se, portanto, de uma leitura exigente, esta, de *A Arte de Curar*, um texto transbordante de tesouros. É um livro com poucas citações, mas todas elas muito interessantes, destacando-se as de Rupnik e Špidlík, em primeiro lugar; aconselho-vos a tomar nota de todas e a aprofundá-las: as fontes deste ensaio constituem recursos preciosos que devem ser aproveitados como alimento vital e fecundo. A primeira «fonte», porém, como eu já disse, é a biografia do padre Fabio, de modo particular a experiência da doença que este sacerdote romano combate há vários anos. O título do breve ensaio de Henri Nouwen, *O Curador Ferido*, ajusta-se perfeitamente à figura do autor deste livro, em cujas entrelinhas conta apenas uma história, a sua. Com efeito, um ferido talvez seja a pessoa mais capacitada

para dissertar sobre feridas, aquela que pode falar da cura como de «uma aventura», tal como o padre Fabio a define nestas páginas, que também se destacam pelo seu «sabor poético» (na realidade, isto não é um ensaio sobre a cura, mas sobre a *arte* da cura). Ainda antes de saber a poesia, este livro sabe muito a oralidade; com efeito, aquele corpo a corpo com o leitor brota da experiência das catequeses, inclusive sobre este tema, que o autor vai fazendo há várias décadas através de Roma e das outras dioceses italianas.

Trata-se, portanto, de um relato muito pessoal (e por isso universal), que aborda a questão da arte de curar a partir da análise de uma passagem bíblica, o episódio da mulher hemorroíssa, tal como é narrado no Evangelho de Marcos, um texto que apresenta dois aspetos centrais, um dos quais é, precisamente, o relato (a mulher é interpelada por Jesus e acaba por contar «toda a verdade») e o tato, o contacto com o próprio Jesus, fonte da cura. O autor, profundo conhecedor do texto bíblico, guia o leitor com mão segura através dos meandros, ricos de tesouros, do breve episódio narrado por Marcos e reflete, juntamente com o leitor, sobre todos os pontos que emergem do texto, detendo-se, precisamente, entre outros aspetos, sobre a questão do relato. «À luz do alcance simbólico-paradigmático desta história, compreendemos que *a cura autêntica de uma pessoa começa pela escuta*», isto porque nós, seres humanos, «somos lógicos e relacionais, temos

alguma coisa a dizer a alguém. Porque, muito mais do que um conceito, uma palavra é, sobretudo, uma *relação*. [...] O mundo da palavra é o mundo humano. O coração é formado por aquelas palavras que trazemos dentro de nós». Refletindo sobre o facto de Jesus quase obrigar a mulher curada a contar a sua história de cura (que, se não fosse contada, não chegaria a ser plena), o padre Fabio observa que «a cura começa com uma palavra ouvida e deve terminar com uma palavra proferida. [...] Temos necessidade de contar aquilo que nos sucede. Todos nós. O homem é o relato. A sua personalidade reside na sua memória, portanto, na sua narração».

Na *Mensagem* para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, publicada no dia 24 de janeiro de 2020, o Papa Francisco colocou no centro da sua reflexão o tema do relato, porque, escreve Bergoglio: «Para não nos perdermos temos necessidade de respirar a verdade das histórias boas: histórias que edifiquem, não que destruam; histórias que ajudem a encontrar as raízes e a força para seguirmos juntos, em frente. Na confusão das vozes e das mensagens que nos rodeiam, temos necessidade de uma narração humana, que nos fale de nós e da beleza que nos habita. Uma narração que saiba olhar o mundo e os acontecimentos com ternura; que conte como nós fazemos parte de um tecido vivo; que revele como se entretecem os fios que nos ligam uns aos outros. O homem é um

ser narrante. Desde pequenos temos fome de histórias tal como temos fome de alimento».

A centralidade do relato, como facto humano, como elemento constitutivo da vida dos homens, implica duas consequências, no que diz respeito à vida da Igreja, chamada a difundir o relato de Jesus (incansável na criação de relatos, sob a forma de parábolas): a importância crucial do ouvido e a qualidade da narração que a própria Igreja oferece hoje aos ouvidos do homem contemporâneo, ouvidos pesados por vinte séculos de Cristianismo e bloqueados pelo excesso estonteante de mensagens que nos chegam a cada instante.

O primeiro ponto, o ouvido, do qual brota a fé, torna patente como é fundamental recuperar o gosto pela escuta. É necessário um caminho de reabilitação, de recuperação motora do «músculo» do tímpano, que, tal como a visão, está próximo do coração. Sobre este ponto, o livro do padre Fabio constitui uma bela sessão, muito prática e experimental, de purificação cardíaca. O primeiro exercício a fazer, para este processo catártico, é o exercício do silêncio. «Não se trata de ser virtuosos, trata-se de estar calados», diz ao Branco o personagem Negro, em *Sunset Limited*, de Cormac McCarthy, e é nesta linha que se desenvolve a análise – aliás muito severa –, do padre Fabio Rosini, que não poupa a acuidade da sua visão, muitas vezes carregada de humor, sobretudo quando se foca no

segundo aspeto (a forma como hoje em dia se descreve Jesus): «Deveríamos verificar se o modo como se fala de Jesus leva as pessoas a tocar-lhe ou a fugir d'Ele a sete pés». Pela forma como d'Ele se falava «naquele tempo», a mulher hemorroíssa sentiu-se impelida a encontrar-se com Ele, a tocar-lhe, no mínimo. E atualmente? «Como é enfadonho o vitimismo de tantos cristãos», observa o padre Fabio, «que, perante a falta de impacto das coisas da Igreja, se voltam contra o mundo. E se calhar até passam o tempo a censurar as outras pessoas». Este livro convida esses cristãos a tirar «o escafandro do “bom cristão”» e a aceitar o desafio que brota sempre do Evangelho e do seu protagonista, que não pede uma fé convencional, «cultural», cómoda, mas uma fé que consista «numa relação pessoal. Jesus procura esta mulher: o milagre não é suficiente para Ele, precisa de a ver, precisa de fixar o seu olhar no dela».

Desde há pouco mais de um ano, tenho tido o privilégio de seguir de perto o Papa Francisco na sua missão de pastor universal da Igreja Católica (um dos aspetos mais belos deste ensaio do padre Fabio Rosini é o amor pela Igreja, que transparece em cada página), e muitas vezes tenho pensado, ao vê-lo em ação, sobretudo nos encontros com a multidão, onde o sentido do tato emerge de forma preponderante, que a passagem do Evangelho que mais exprime o «estilo» de Bergoglio é, precisamente, esta

*Prefácio*

da hemorroíssa, precisamente por esta busca do «encontro a sós», «frente a frente», «olhos nos olhos».

Assim, este livro recorda-nos – tal como faz o Papa Francisco –, o aspeto essencial do Cristianismo que é, sobretudo, um encontro com uma Pessoa, que se aproxima e nos abraça e que, com esse gesto, põe em movimento o processo de cura de qualquer uma das nossas feridas; cabe-nos, portanto, a nós responder, livre e criativamente, como fez aquela mulher (doente, não virtuosa), mas «artista» à sua maneira. E também nos cabe a nós, leitores, responder a este livro, por muito exigente que ele seja, e que apenas uma (sã e providencial) imprudência nos poderá levar a ler.

ANDREA MONDA

*Diretor do L'Osservatore Romano*



*«Ele perdoa todas as tuas culpas  
e cura todas as tuas enfermidades».*

*(Salmo 103, 3)*



## INTRODUÇÃO

No verão de 1993 acompanhei um grupo de jovens à Jornada Mundial da Juventude com São João Paulo II, em Denver, nos EUA.

Na noite anterior à Santa Missa com o Papa o ambiente era de um caos indescritível, e naquela confusão pareceu-me oportuno dizer alguma coisa aos jovens, atordoados pela invasão de carne humana que nos rodeava; ocorreu-me então à mente a figura de uma mulher que sangrava e que, no meio de uma multidão compacta, consegue tocar Jesus e ser curada. Com base nesse Evangelho, expliquei aos jovens como podiam tentar viver aquele momento. O que tinha para dizer era tão importante e luminoso que, no fim, não fiquei satisfeito, sentindo a necessidade de o expressar melhor.

Ilaria – uma rapariga desse grupo que hoje é a sábia mãe de seis filhos –, depois de regressar a Roma, transcreveu a minha catequese, dizendo que, em seu entender, era muito válida. Dei uma vista de olhos ao texto e apercebi-me que, efetivamente, estava melhor do que eu pensava. Contudo, fiquei perplexo, como se estivesse a assistir ao

início de algo que merecia um melhor acolhimento, ser recebido de modo mais profundo.

Regressei muitas vezes a esse texto, que continuou a revelar-me as luzes potentes que encerrava, e usei-o várias vezes como introdução resumida para os retardatários que chegavam à experiência das Dez Palavras.

No entanto, percebia que o uso que estava a fazer daquela história era redutivo, continuava a sentir a frustração da noite de Denver, esperando que a Providência tomasse a iniciativa.

Muitos anos depois, em 2012, a irmã Fulvia, atual madre abadessa do Mosteiro agostiniano dos SS. Quattro Coronati, em Roma, propôs-me as suas intuições profundas sobre aquela mesma história, e trabalhámos nela, juntos, a pensar numa dezena de raparigas em período de discernimento. Foi muito eficaz.

Por fim, em 2013, com um grupo de sacerdotes – os mesmos com os quais, mais tarde, elaborámos o curso sobre os seis dias da Criação – propusemos a cerca de duzentos jovens o curso sobre a afetividade (como segunda parte do curso-base sobre o discernimento) e o texto da hemorroíssa revelou-se-nos como a via mestra daquele itinerário. Finalmente, eu sentia que devia respeitar o segredo daquela Palavra. Naquele momento tomou forma uma experiência que mais tarde viria a ser repetida inúmeras vezes – cada vez melhor e com uma difusão em crescimento contínuo.

Dos percursos que propus aos jovens – além das Dez Palavras e dos Sete Sinais – este caminho de cura da vida interior e afetiva foi aquele que sempre suscitou maior entusiasmo, ainda mais do que o curso sobre os seis dias da Criação, que constitui a marca d'água do livro *A Arte de Recomeçar*.

Atualmente já foi devidamente comprovado e tem dado muitos frutos.

Este livro torna possível usufruir melhor deste frutífero itinerário sob a forma escrita, ou seja, mais linear, aprofundada e ordenada do que a edição verbal de trincheira, até hoje praticada.

\* \* \*

O presente volume está subdividido em três partes, que abordam os temas do diagnóstico, da cura e da manutenção da saúde.

Quem me lê deverá ter paciência na primeira parte, aquela em que se faz a viagem um pouco amarga da consciência, em que não serão propostas soluções, mas apenas reconhecimentos, o que não é fácil de acolher. Com efeito, senti-me muito indeciso sobre se deveria prosseguir. E o editor teve muita dificuldade em convencer-me a emprender esta aventura.

A redação deste livro constituiu um grande combate entre verdade e misericórdia: era necessário chamar pelo

nome os inúmeros vazios que trazemos dentro de nós, mas sem desanimarmos, pelo contrário, enveredando pelo caminho da liberdade, sem nunca mais o abandonar. Só o Messias sabe fazer esta síntese. Só Cristo sabe unir a nossa pobre carne humana à Vida segundo o Espírito Santo, à vida Divina.

Invoco o Espírito Santo sobre todo aquele que empreender esta aventura, para que Ele o console e ilumine sempre.